

**A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**
THE RELEVANCE OF AFFECTIVITY IN THE LEARNING PROCESS IN EARLY
CHILDHOOD EDUCATION

Jessica de Souza Rangel

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário São Jose

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Professora Assistente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Jose, Professora Mestre em Educação pela UERJ

Rosimeri Claudiano da Costa

Professora Assistente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Jose, Professora Mestre em Letras e Ciências Humanas

RESUMO

A pesquisa trata da afetividade e sua importância na educação infantil. A educação infantil foi incluída tardiamente como parte da educação básica, após um período de lutas e transformações, deixou de ser um direito dos pais, para ser um direito da criança, tendo seu cunho pedagógico reconhecido e valorizado, e, conseqüentemente, leis específicas foram criadas. Na formação global do indivíduo, é essencial levar em consideração o equilíbrio da inteligência racional com a emocional, cérebro e coração precisam estar em sintonia, caso contrário, todas as áreas do ser humano podem ficar debilitadas, ser inteligente emocionalmente vai além de controlar as próprias emoções, mas também reconhecer e qualificar sua emoção, fazer a adequação necessária ao momento, conseguir manter-se confiante frente a várias situações, conseguir interpretar as emoções das outras pessoas e conseguir contagiar as pessoas a sua volta com seus próprios sentimentos. Tão logo, a aprendizagem é influenciada pelas emoções, e o professor tem papel fundamental neste processo, assim como a família. O objetivo geral deste estudo é investigar os efeitos da afetividade no rendimento escolar dos alunos da educação infantil. Como objetivos específicos, conhecer a trajetória da educação no Brasil e a luta da educação infantil como parte integrante da educação básica, discorrer sobre as leis voltadas ao ensino infantil, explorar a inteligência emocional e sua importância no desenvolvimento global do ser humano (na primeira infância), entender como funciona o processo de ensino-aprendizagem e, por fim, mapear as possíveis causas do baixo rendimento escolar, relacionando a afetividade na relação interpessoal docente e discente e seu impacto no processo ensino-aprendizagem na educação infantil. A Metodologia empregada foi exploratória, de cunho bibliográfico, utilizando como instrumento de coleta de dados uma pesquisa de campo.

Palavras-chave: Afetividade, criança e educação infantil.

ABSTRACT

This research deals with affectivity and its importance in early childhood education. Early childhood education was later included as part of basic education, after a period of struggles and transformations, it ceased to be a right of parents, to be a right of the child, having its pedagogical nature recognized and valued, and, consequently, specific laws were created. In the global formation of the individual, it is essential to take into account the balance of rational and emotional intelligence, brain and heart need to be in tune, otherwise all areas of the human being can be weakened, being emotionally intelligent goes beyond controlling one's own emotions, but also recognizing and qualifying your emotions, making the necessary adaptation to the moment, being able to remain confident in the face of various situations, being able to interpret other people's emotions and being able to infect the people around you with your own feelings. So, learning is influenced by emotions, and the teacher has a fundamental role in this process, as well as the family. The general objective of this study is to investigate the effects of affectivity on the school performance of early childhood education students. As specific objectives, to know the trajectory of education in Brazil and the fight for early childhood education as an integral part of basic education, discuss the laws aimed at early childhood education, explore emotional intelligence and its importance in the global development of the human being (in early childhood), understand how the teaching-learning process works and, finally, map the possible causes of low school performance, relating affectivity in the teacher-student interpersonal relationship and its impact on the teaching-learning process in early childhood education. The methodology employed was exploratory, bibliographic in nature, using a field survey as a data collection instrument.

Keywords: Affectivity, child and early childhood education.

INTRODUÇÃO

Na realidade vivida (pós pandemia), em que todos tiveram a saúde mental afetada, é possível observar, e notar, com grande clareza, a influência da afetividade nas relações sociais, conseqüentemente, tratar da saúde mental virou prioridade e pauta de muitas discussões. E qual é a importância disso em nossas vidas? Os benefícios são plausíveis, e os malefícios mais ainda, pois os sentimentos têm se manifestado de forma extrema, tanto por adultos e, ainda mais, por crianças (que ainda estão aprendendo a filtrar o turbilhão que são as emoções).

É impossível não ser movido por emoções neste período pós-pandemia, diante disto, o afeto nunca foi tão relevante como agora, é notável o crescimento de doenças psicossomáticas em crianças na primeira infância. E como isso influencia o seu rendimento educacional? Como afeta o seu cognitivo? Por que algumas crianças desenvolvem isso e outras não? Será que o professor tem o poder de “ensinar” sentimentos instintivos? Será que a inteligência emocional deveria entrar na grade acadêmica da educação básica? Educar é um ato de amor, neste país, no qual o magistério não recebe a valorização merecida, ser educador é ter ousadia e coragem, tantos sentimentos envolvidos no processo, sentir é o combustível de uma educação de qualidade.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é investigar os efeitos da afetividade no rendimento escolar dos alunos da educação infantil.

Como objetivos específicos, conhecer a trajetória da educação infantil no Brasil e sua luta como parte integrante da educação básica; discorrer sobre as leis voltadas ao ensino infantil; explorar a inteligência emocional e sua importância no desenvolvimento global do ser humano (na primeira infância); compreender como funciona o processo ensino-aprendizagem e, por fim, mapear as possíveis causas do baixo rendimento escolar relacionando a afetividade na relação interpessoal docente e discente e seu impacto no processo ensino-aprendizagem na educação infantil.

Deste modo, a questão problema a ser investigada foi: Até que ponto o emocional tem relevância no aprendizado e influência no desempenho escolar?

Por isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros e artigos atuais, afim de levantamento de dados subjetivos que levam a acreditar que a afetividade deve ser trabalhada e levada a um nível mais elevado na didática escolar, sendo está uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico (GIL, 2001).

O educador deve ter um olhar maleável e sensível para abordar, de forma qualitativa, o socioemocional infantil durante a vida escolar dos pequenos. Documentos legais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e livros de grandes teóricos já admitem que a saúde mental é nossa grande aliada, quando trabalhada assim, ou nossa grande vilã, quando negligenciada ou não levada a sério.

Sob a luz da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), a partir de pesquisas bibliográficas, esta pesquisa tem como eixo norteador a investigação do processo de desenvolvimento socioemocional e afetivo na fase escolar da educação infantil (indo do berçário a pré-escola), o objetivo é entender como a afetividade reflete no processo de ensino-aprendizagem educacional dos estudantes na primeira fase da vida escolar e como isso vai fazer a diferença em toda a trajetória acadêmica do discente.

Iniciaremos o trabalho dissertando sobre o ensino tradicional, o início das creches e o seu objetivo, as mudanças da educação infantil ao longo da história, a afetividade, inteligência emocional, e sua importância para o desenvolvimento da criança na primeira infância, como a criança bem orientada e assistida familiarmente tem bons resultados escolares, e o papel do professor frente ao desafio de trabalhar de forma qualitativa o socioemocional em sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O propósito deste artigo é levantar dados que sirvam de base para o estudo do tema em questão, tendo como referência, teóricos que comprovaram, em seus estudos, que a afetividade tem grande relevância no desenvolvimento cognitivo das crianças na primeira infância, e como isso reflete na organização ou desorganização da estrutura mental.

Segundo Galvão (2014), Wallon (1879-1962), conhecido por seu trabalho científico sobre a psicologia do desenvolvimento, foi um importante teórico, psicólogo, médico, filósofo e político francês. Ele considerava a infância

uma idade fértil e única para o atendimento educacional e defendia, em sua teoria, que a criança deve ser considerada como um ser único, complexo e individual, e que, como cada ser humano, deve ser entendida com os aspectos biológicos, afetivos, sociais e intelectuais. Sendo assim, um ser completo. Ele também afirma que a afetividade não deve ser assimilada apenas por amor, paixão e sentimentos bons, cita que a afetividade também pode ser negativa, depende de como o sujeito vai lidar com isso, interna e externamente. Wallon cita, em sua teoria, que o desenvolvimento infantil está diretamente ligado às relações estabelecidas entre si e o seu ambiente, e evidencia o desenvolvimento em seus domínios afetivos, motor e cognitivo, mostrando, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas consequências com o todo, representado pela personalidade, sendo assim, tudo está interligado e conectado.

Pensando nisso, foi homologado, em 20 de dezembro de 2017, pelo Ministro da Educação Mendonça Filho, e incorporada ao MEC, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que respeita e enxerga a criança como um ser individual, singular, de práxis e experiências. Na BNCC, temos estipulados eixos que norteiam a afetividade na educação infantil, como competência que deve ser estimulada e trabalhada para o desenvolvimento de suas habilidades. O socioemocional deve ser trabalhado em sala de aula diariamente, principalmente com as crianças pequenas que, em alguns casos, sofrem com a negligência afetiva de seus responsáveis, alguns exemplos que podemos citar são: autoestima, empatia, autoconhecimento, confiança, respeito, autocrítica e o desenvolvimento da inteligência emocional. Essas são algumas habilidades que, como educadores, devemos estimular em nossos alunos.

Inclusive, Goleman (2012) cita, em seu livro sobre a inteligência emocional, que o sujeito deve ter consciência e domínio sobre as emoções, pois é fundamental para se desenvolver a inteligência de forma plena, ele diz que devemos mostrar capacidade em lidar com situações cotidianas, pois, assim, o sujeito conseguirá ter uma vida acadêmica (escolar) promissora. Portanto, está dinâmica reflete no cognitivo, na assimilação e acomodação dos conhecimentos adquiridos pela criança em seu desenvolvimento pleno, sendo assim, tendo grande significância na vida do indivíduo. O que sentimos e como sentimos nos impulsiona no processo ensino-aprendizagem. Algumas pessoas têm maiores dificuldades em lidar com frustrações, e este conflito interno, seja por algum transtorno neurológico (como acontece em alguns casos de pessoas que tem TEA - transtorno espectro autista, TOD - transtorno opositor desafiador etc.), ou por não conseguirem identificar e administrar o que sentem, pode acarretar uma desorganização mental e assim dificultar as sinapses, tão importantes na aprendizagem.

A primeira etapa na Educação Básica

De acordo com Aranha (2012), a educação brasileira teve início com os jesuítas nos tempos de colonização, em que o único objetivo era catequisar o povo local; passando pelo Período Pombalino, que instituiu o fechamento dos colégios jesuítas e a introdução das aulas régias; o Período Joanino, que foi um marco por conta dos grandes investimentos (construção da Biblioteca Nacional, Escola de Medicina etc.); Período Imperial, em que ocorreu a divisão da educação em três níveis: primário (gratuito, foco em alfabetização), secundário (aulas régias) e superior (apenas para as elites); República Velha, em que o ensino foi organizado por séries e a divisão feita por faixa etária; a Segunda República, marcada com a criação do Ministério da Educação e a educação sendo direito de todos.

As tendências pedagógicas, evoluindo do modelo tradicional ao modelo crítico social dos conteúdos; a forma de avaliação, evoluindo de somativa para formativa; até 1874, pouco se falava sobre o ensino na primeira infância. Apenas no início do século XX, começou a ganhar relevância nacional. Em 1988, a oferta de atendimento em creches e pré-escolas (crianças de zero a cinco anos), tornou-se dever do Estado (previsto na Constituição Federal). Este ato foi um grande marco da Educação Infantil no Brasil, fruto de um longo processo histórico, através da fundação de instituições e da criação de leis voltadas para as crianças.

Inicialmente, segundo Aranha (2012), cita que as creches e os jardins de infância eram destinados para diferentes classes sociais e faixas etárias. As creches para os bebês das classes operárias, com um papel assistencialista. O jardim de infância atendia as crianças de 3 a 6 anos de idade das camadas mais altas da sociedade e adotava práticas mais voltadas para o desenvolvimento cognitivo.

Observamos, a partir deste estudo, a longa trajetória da educação no Brasil e o tempo de diferença/discrepância para que, de fato, a educação infantil conquistasse seu espaço e importância no currículo escolar. É possível observar suas metodologias, que vêm sendo aperfeiçoadas a cada dia, deixando de lado o título de: “depósito de crianças”; “lugar seguro onde as mães deixam os filhos para ir trabalhar”, ou ainda pior, “na educação infantil, as crianças só brincam”, para se tornar essencial e direito único e exclusivo da criança. Na educação infantil, prevalece a teoria construtivista, sonho do filósofo Jean Piaget, que leva a criança a construir o seu próprio

conhecimento, a partir de estímulos externos. O aluno assume papel de protagonista e o professor de mediador/facilitador do conhecimento, o professor aponta o caminho, mas permite que seus alunos caminhem com seus próprios pés, afinal, eles precisam ter autonomia e vivenciar todas as sensações do percurso para de fato construir seus conceitos (FONSECA, 2018).

Costa (2013) nos ensina que, o sistema educacional perpassa por várias fases ao longo da história e, nesse interim, entre cursos e modalidades, a educação Infantil é a porta de entrada, a primeira modalidade, que tem como principal objetivo desenvolver os aspectos físico, motor, cognitivo, social e emocional, além de fomentar descobertas e experimentações de mundo. Uma educação infantil de qualidade, vai possibilitar a construção de um alicerce sólido, uma base resistente e rica, que é fator primordial para o sucesso de toda a vida escolar do discente. Pensando nisto, esse artigo foi elaborado e desenvolvido em virtude de ressaltar a importância de se explorar, com qualidade, as funções socioafetivas das crianças em sua primeira infância, pois tendo uma educação de qualidade, esse indivíduo vai crescer e desenvolver com excelência as suas habilidades e competências, pois aprendeu a identificar e administrar a sua inteligência emocional. Para isso e, por isso, que a secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro já desenvolve seu plano de curso a partir de habilidades e competências, não mais tendo como eixo norteador os conteúdos.

Somente a partir da LDB (1996), a educação infantil passa a fazer parte da educação básica. Sendo assim, necessária a normatização e regulamentação legislativa vigente. A criança, a família e a comunidade são contempladas como fator essencial para o desenvolvimento integral da criança. O ECA – Estatuto da Criança e Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990) define as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e Estado. O ECA cita que os direitos da primeira infância estão assegurados, visando elaborar políticas públicas voltadas a atender os interesses eminentes da criança, sendo assim, reconhecendo-a como sujeito de direitos e de cidadania, incluindo e respeitando a sua individualidade.

A Constituição Federal de 1988, nos garante vários direitos, dentre esses, as crianças, como cidadãs, também são contempladas por estes direitos. A educação é um direito adquirido e assegurado da criança, que tem esse direito iniciado na educação infantil, que tem início a partir dos seus primeiros 6 meses de vida indo até os seus 5 anos e 11 meses.

Base Nacional Comum Curricular

Uma grande conquista da educação infantil no Brasil, foi a sua integração à educação básica e inclusão na Base Nacional Comum Curricular, promulgada em 2017. Este documento é referência e diretriz para as instituições de ensino, auxiliando na elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para todos os ciclos. A BNCC reconhece creches e pré-escolas como essenciais ao processo de desenvolvimento da criança, levando em conta que, muitas vezes, é o primeiro contato da criança fora do seu grupo familiar. Sendo assim, seu principal objetivo é ampliar o universo, os campos de experiências e habilidades, proporcionando novas aprendizagens, atuando de maneira colaborativa com a família. O documento mostra também a importância do brincar nos primeiros anos de vida e estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, sendo eles: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar e Conhecer-se (BNCC, 2017).

Tendo como eixo esses direitos, as escolas infantis devem proporcionar um ambiente desafiador, que incentive a criança a desempenhar um papel ativo no seu desenvolvimento e na criação de sua identidade perante o mundo que a rodeia.

Seguindo as normativas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o educador deve trabalhar de forma exploratória e intencional o socioemocional infantil, para que, desde cedo, o indivíduo já consiga reconhecer em si e nos outros, sentimentos e afetos que acometem o ser humano e, assim, administrar, aprender a refletir e externalizar (quando necessário), de forma saudável, o que estão sentindo, e usar esses sentimentos a seu favor. Se isso não é tarefa fácil para um adulto, imagine para uma criança?

Usar o que sentimos a nosso favor, de forma inteligente, é saber usar a inteligência emocional. Como educadores, é essencial que consigamos direcionar os nossos alunos, desde a primeira etapa da educação (educação infantil), assim, o indivíduo poderá alcançar, de forma sadia e plena, o seu desenvolvimento, para enfrentar as adversidades da vida. Como educadores contemporâneos, estamos cheios de novas atribuições e de novas responsabilidades, formar um cidadão não é tarefa para qualquer um, precisa ter muita aptidão e dedicação, as novas gerações que vêm surgindo chegam cheias de bagagem, em algumas vezes pesadas demais para a sua pouca idade,

porém, essa bagagem deve ser respeitada e trabalhada, o indivíduo precisa ser respeitado na sua individualidade. O educador precisa pesquisar seu espaço cultural e geográfico para elaborar metodologias de ensino atrativas e que sejam significativas para esses sujeitos, pois assim, essa aprendizagem terá relevância e utilidade no seu espaço social. Claro que isso não impede que o discente apresente novas culturas e novas realidades para aguçar a perspectiva de seu aluno e fazer com que ele (sujeito) almeje coisas novas e sonhe em ser alguém de grande importância, não somente para sua família, mas para toda a sociedade, por isso é tão importante uma gestão democrática, em que o Projeto Político Pedagógico – PPP – seja construído de forma coletiva, levando em consideração todo o corpo docente, discente e a comunidade escolar. O plano precisa “ser vivo” e estar de acordo com a realidade, pois a educação só faz sentido se antes ela “faz sentir”.

A inteligência emocional no processo de aprendizagem

A inteligência emocional é fundamental para o sucesso acadêmico e profissional, reconhecer seus sentimentos, saber administrá-los, conseguir gerenciar seu temperamento, ser otimista, solidário e conseguir cativar o sentimento das outras pessoas, não é tarefa fácil.

De acordo com Goleman (2012), a inteligência emocional abrange cinco áreas, são elas: conhecer as próprias emoções, administrar as emoções, motivar a si próprio, reconhecer emoções em outras pessoas e manejar seus relacionamentos, ou seja, a pessoa reconhece e qualifica sua emoção, faz a adequação necessária ao momento, consegue manter-se confiante frente a várias situações, consegue interpretar as emoções das outras pessoas (olhar, expressão facial) e consegue contagiar as pessoas a sua volta com seus próprios sentimentos.

Goleman (2012) defende que, ser inteligente, implica em saber direcionar intencionalmente suas emoções, buscando equilíbrio e adaptação ao meio em que se está inserido. Existem duas mentes, a racional e a emocional, a mente racional está ligada ao modo de compreensão consciente e reflexivo, e a compreensão impulsiva e ilógica está ligada a mente emocional, em outras palavras, seriam, a mente que pensa e a mente que sente, o cérebro e o coração. Para estudar a inteligência dos seres humanos, é necessário levar em conta as diferenças individuais que formam as pluralidades do ser humano, assim, é impossível não pensar no genético e cultural. Contudo, medir tais proporções ainda não é possível, não há dúvidas que os fatores genéticos contribuem muito, mas os fatores culturais e ambientais (incluindo nutrição e afeto) parecem ser até mais decisivos.

A fase pré-escolar é a que mais contribui para o desenvolvimento humano, pois é nesta fase que as pessoas constroem seus alicerces, que servirão de base para o desenvolvimento de outras habilidades. É nesta fase que se desenvolve percepção, raciocínio, memória, capacidade de autorregulação e automonitoramento, habilidades linguísticas, competências matemáticas, formação de conceitos, construção e generalização de estratégias. Já nesta fase, é possível identificar possíveis problemas de aprendizagem.

Garlick aponta que a plasticidade neuronal é maior durante a infância, em relação a fases mais tardias do desenvolvimento. Este dado fortalece a ideia de que intervenções precoces apresentam maior impacto no desenvolvimento da inteligência na fase pré-escolar (MECCA, 2011, p. 3).

A maior parte dos testes de inteligência tem como parâmetro os grupos etários. Avalia, especialmente, as habilidades de raciocínio importantes para o sucesso escolar. Em pesquisas internacionais, o instrumento mais utilizado para verificar a inteligência global é a WPPSI¹, fornece um índice de capacidade cognitiva global (GARDNER, 1994). Não havendo nenhuma intervenção patogênica, o desenvolvimento intelectual é considerado inato, o ser humano já nasce com esta potencialidade, mas necessitará de estímulo externo do meio. O ambiente ajuda na viabilização e canalização da inteligência, fatores como superpopulação, desorganização (emocional e social), tensão, mudanças, nutrição, desordem familiar etc., afetam o desenvolvimento pleno no potencial da inteligência. É importante ressaltar que, todas as pessoas apresentam potencial intelectual, só que em graus diferenciados, até mesmo àqueles considerados como “deficientes”, mas cada um desenvolve melhor sua inteligência em uma determinada área, de acordo com sua personalidade, e as influências do meio em que está inserido. Hoje, se pensa em uma educação igualitária, ou seja,

¹ WPPSI (Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence criador da Escala de Wechsler de David Wechsler (1967), inteligência para crianças pré-escolares.

inclusiva. Todos têm as mesmas capacidades e devem aprender as mesmas coisas, mas é claro que cada um responde a um tipo de estímulo diferente, cabe ao professor fazer esta identificação e incluir todas as diversidades.

O processo de aprendizagem

Como é que a natureza e a educação interagem para produzir mudanças no desenvolvimento? Cruz (2000) sugere que a interação entre estas duas grandes forças geradoras não é mais uma competição, e sim, uma dança, ou seja, precisam estar em sintonia.

Gardner (1994) propõe que a organização da escola deve basear-se em duas suposições:

- 1) Nem todas as crianças têm os mesmos interesses e habilidades, e nem todas aprendem da mesma maneira.
- 2) Ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido.

Esta escola, centrada na criança, teria de ser rica na avaliação das capacidades e tendências individuais, para procurar adequar as crianças tanto às áreas curriculares, quanto às maneiras particulares de ensinar esses assuntos. Gardner (1994) acrescenta que, o professor sempre deve procurar uma adequação das crianças aos vários tipos de vida e de opções de trabalho existentes na cultura.

O sistema escolar desenvolve, ou pelo menos deveria desenvolver, seus programas e currículos de acordo com a necessidade da população que atende e, para isso, é essencial, antes de tudo, estabelecer objetivos, organizar os alunos, planejar os currículos, escolher o material didático e selecionar os educadores.

Para uma efetiva ação pedagógica, o professor precisa unir o conteúdo do qual é especialista, sua visão de mundo e suas habilidades e conhecimentos. Qualquer instituição deve privilegiar a aprendizagem de seus alunos.

O ensino é uma resposta planejada a um estímulo do processo de aprendizagem, resulta da relação pessoal do professor com o aluno, por isso, o grande segredo para um bom ensino, é termos um professor entusiasmado a ensinar. Esse entusiasmo deve ser trabalhado com metodologias e planejamentos adequados.

O agente da aprendizagem é o aluno, o papel do professor é de orientar e facilitar a aprendizagem. O professor deve respeitar as diferenças individuais e buscar sempre trabalhar de maneira individualizada as dificuldades de seus alunos. Para chegarmos à aprendizagem, é necessário seguir uma sequência lógica e psicológica.

Abreu e Massetto (1990) classificam a aprendizagem em Cognitiva, de modificação de valores e atitudes e de habilidades, ou seja, o aluno conhece, modifica e cria a habilidade.

Toda aprendizagem acontece internamente, é pessoal ao aluno, por isso, ela precisa ser significativa, e é essencial dar ao aluno um feedback, pois ele precisa desse retorno do professor, justamente para saber se está indo no caminho certo. O processo de ensino-aprendizagem não pode ser frio (mecanizado), essa boa relação professor-aluno-colegas de classe é o segredo para o sucesso. O professor não deve se preocupar em ensinar, e sim em levar o aluno a aprender, não é ele quem vai transmitir o conhecimento, e sim, dar meios para os alunos chegarem ao conhecimento.

É notável que não é a personalidade do professor que influencia a aprendizagem, e sim, as suas ações em sala de aula, de modo que elas possam estabelecer um clima facilitador ou prejudicial à aprendizagem. Por isso, é relevante que o professor utilize meios de inserir atividades socioemocionais em suas aulas, para trabalhar de forma integrada as competências orientadas na BNCC.

ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada uma pesquisa de campo, na qual foram distribuídos questionários para professores da educação infantil e responsáveis de alunos matriculados em unidades de educação infantil, tendo como finalidade coletar a visão destes sobre o tema de estudo. Para isso, foi criado um formulário com 5 perguntas de múltipla escolha sobre o tema, distribuídas através do aplicativo da Microsoft "Google forms", que permite a coleta e a análise dos dados de forma simultânea, otimizando tempo e distância, esta forma de pesquisa de campo qualitativa foi escolhida pela facilidade e agilidade de obter as respostas e fazer a análise.

Pesquisa com Educadores

Ao todo, 34 profissionais da educação infantil tiveram suas respostas coletadas e consideradas nesta pesquisa.

1. Você concorda que o professor "acumulou" a função de educar? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

 Insights



A primeira pergunta leva em consideração as múltiplas funções do professor, na qual a afirmação “educação vem de casa” gera inúmeros debates, visto que educar compreende todos os processos (institucionais ou não), porém, ainda mais nos anos iniciais, não é possível pensar em uma relação docente e discente apenas mecânica, mesmo que involuntariamente, o discente cria laços com o docente (e vice e versa), tendo ele como inspiração e exemplo, por isso, 97% dos entrevistados concordam que o professor acumulou mais esta função.

2. Você acredita que o discente assimila com mais facilidade os conteúdos quando tem afeto pelo docente? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

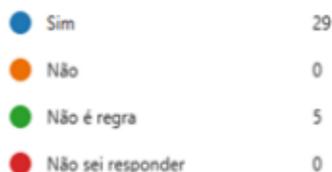


A pergunta de número 2 aborda o processo de aprendizagem com afeto, assim como as aptidões, que de acordo com a psicologia, é a capacidade cognitiva como as características emocionais em assimilar conteúdos específicos, àqueles que mais temos prazer (DIAZ, 2011). Foi perguntado se os docentes concordavam com a teoria de que o aluno aprende com mais facilidade quando gosta do professor e, 97% dos entrevistados concordam, ou seja, sentimentos negativos podem gerar bloqueios/travas, podendo explicar o “fracasso” de um aluno em determinado ano escolar e o “sucesso” em outro, apenas com a mudança do docente.

3. Discentes que têm a família mais participativa, presente na escola, têm melhores rendimentos escolares? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

 Insights



A terceira pergunta é sobre a participação da família na escola, é inegável a importância de uma relação sólida entre responsáveis e docentes, mas pensando no rendimento escolar, seria fator-chave? De acordo com os profissionais entrevistados, 85% concordam que sim, contra 15% que diz não ser regra.

4. Sua unidade incentiva o desenvolvimento de atividades que estimulem o campo socioemocional?

(0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

● Sim	19
● Não	3
● É livre	12



A quarta pergunta, de forma indireta, fala sobre a importância dos projetos socioemocionais nas escolas, sobre a inclusão destes nos PPPs, no qual a equipe de direção incentiva, de forma coletiva, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais em todas as turmas, levando em consideração este como fator primordial a aprendizagem significativa. Entre os entrevistados, 56% das unidades têm esta consciência, 35% das unidades deixam isso livre aos docentes em trabalhar ou não, e 9% não incentiva.

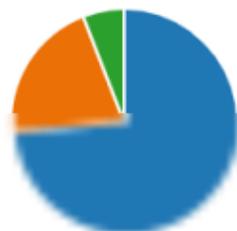
5. Você acredita que o professor, com sua afetividade, tem o "poder" de mudar o rumo da vida de um aluno?

(0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

[Insights](#)

● Sim	25
● Não	7
● Não sei responder	6



A última pergunta entra nas teorias de Paulo Freire (1987, 1996), em que a educação tem o poder de transformar, emancipar e tornar o cidadão mais crítico e independente. Realmente, a educação tem esse poder, mas e o professor? 74% dos entrevistados acreditam que o professor, com toda a sua afetividade, tem esse poder também, 21% não concordam e 6% não souberam responder.

Com esta pesquisa, conclui-se que o docente acumulou a função de educar, como se fosse parte da família, por isso, a nomenclatura "Tio(a)" é tão viva até os dias de hoje. Os discentes assimilam com mais facilidade conteúdos/ensinamentos quando desenvolvem afeto pelo docente, ter a família presente na escola é um diferencial ao rendimento escolar, levando em consideração, também, as dificuldades cognitivas que, sendo identificadas, aceitas e trabalhadas em parceria (família, escola e área da saúde), melhor será o rendimento da criança.

O afastamento da família pode aumentar a distância da criança no caminho da aprendizagem. Apesar do reconhecimento das habilidades socioemocionais no desenvolvimento global do ser humano, apenas 56% das unidades já têm esta consciência e incluem isso no projeto, finalizando com chave de ouro, quase 2/3 dos docentes acreditam no poder do seu trabalho, mesmo parecendo uma gota de água no oceano, ainda assim, sem essa gota, o oceano não seria completo. Nas palavras de Freire (1996), educar também é um ato de amor.

Pesquisa com responsáveis

Ao todo, 31 responsáveis tiveram suas respostas coletadas e consideradas nesta pesquisa.

1. Assim como o trabalho é a "segunda casa" dos adultos, você concorda que a escola é a "segunda família" do seu filho? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

 Insights

● Sim	29
● Não	1
● Escola é o trabalho das crianças	0
● Não sei responder	0



O objetivo da primeira pergunta foi perceber se os responsáveis consideram a escola como extensão do espaço familiar, logo, o professor não é um mero instrutor, mas parte da base de formação do indivíduo, garantindo não só ensinamentos pedagógicos, mas também saúde, segurança, bem-estar, valores e afeto. 97% dos entrevistados concordam com esta afirmação. Esta pergunta vai de encontro com a primeira pergunta da pesquisa dos educadores, sobre o acúmulo da função de educar, os índices em ambas as pesquisas são iguais.

2. Você consegue acompanhar o processo de evolução do seu filho, olhando diariamente o caderno de atividades, auxiliando nas tarefas de casa? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

● Sim	27
● Não	2
● A explicadora faz isso	0
● Alguém da família faz isso	1
● Isso é função do professor	0



A segunda pergunta, indiretamente, fala sobre a parceria escola e família, a importância do acompanhamento do processo ensino-aprendizagem no rendimento escolar, 90% dos responsáveis afirmam que conseguem acompanhar, 3% delegam essa função a alguém da família e 7% não faz este acompanhamento. Esta pergunta vai de encontro a terceira pergunta da pesquisa dos educadores, em que foi questionada a relação do rendimento escolar às famílias participativas, e os índices nas respostas são próximos, 85% contra 90%.

3. Seu filho demonstra ter muito afeto pela escola e pelo professor? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

 Insights

● Sim, ama a escola e o professor.	25
● Ama apenas o professor.	5
● Ama apenas a escola.	0
● Não gosta de ambos, vai obriga...	0



A terceira pergunta teve o objetivo de identificar o afeto dos discentes pelo docente e pelo espaço escolar, é unânime, 100% dos entrevistados amam o professor, destes 83% amam o professor e a escola, e 17% apenas o professor. Ninguém vai obrigado e sem amor ao professor, essa pergunta faz relação com a segunda pergunta da pesquisa de campo dos docentes, em que foi questionada a hipótese de aprender com mais facilidade quando se tem afeto, deste modo, concluímos que o afeto é indissociável ao processo ensino-aprendizagem.

4. De acordo com a expressão que diz: "O professor trabalha por amor" (ser professor é uma vocação), (0 ponto)
você responsável, se tivesse a oportunidade, se tornaria um professor? (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

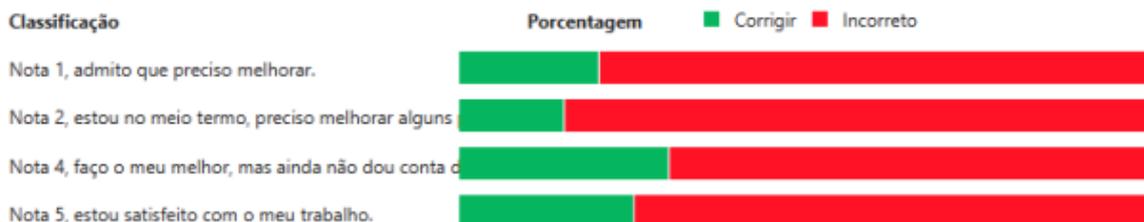
- Com certeza, admiro a profissão. 19
- Jamais, não tenho paciência e p... 10
- Aceito somente se o salário for ... 0



A quarta pergunta, indiretamente, tinha como objetivo mapear a valorização do trabalho docente e a real entrega e dedicação no acompanhamento das atividades escolares. 66% dos entrevistados admiram a profissão e se tornariam educadores de fato, contra 34% que afirma não ter paciência e, essa falta de paciência, pode prejudicar/retardar o desenvolvimento da criança, que chegaria mais longe com o trabalho em equipe escola/família.

5. Fazendo uma autoanálise, que nota você daria ao seu trabalho de pai/mãe. (0 ponto)
10% dos respondentes (2 de 20) responderam essa pergunta corretamente.

[Mais Detalhes](#)



A última pergunta é uma autoanálise, em que os responsáveis classificaram a sua satisfação na incrível missão de educar seus filhos. Nesta, 20% dos responsáveis admitem que precisam melhorar (nota 1); 15% estão no meio termo, precisando melhorar alguns pontos (nota 2); 30% fazem o seu melhor, mas ainda não dão conta de tudo (nota 3); 25% estão satisfeitos com o seu trabalho (nota 4) e 10% não respondeu esta pergunta. Concluímos um compromisso na média, 55% entre as notas 3 e 4, e a real sinceridade nas respostas, em que 35% afirmaram que precisam melhorar.

Com esta pesquisa, pode-se concluir que, os responsáveis enxergam a escola como parte da família, logo, a sua missão vai além de ensinamentos pedagógicos e docentes compartilham com os responsáveis a missão de "educar". A maioria dos responsáveis afirma que acompanha o processo de evolução escolar, em contrapartida, quase metade afirmou não ter paciência e a outra metade admite não estar satisfeita com a sua função de pai/mãe e que precisa melhorar. Então, será este um acompanhamento de qualidade? O afeto pelo docente é indiscutível, ainda mais nesta fase infantil, por unanimidade, concluímos que o amor discente por docente é natural e essencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Brasil passou por diversas fases, lutas, transformações e evoluções. Infelizmente, a educação infantil conquistou seu espaço tardiamente, mas, aos poucos, foi reconhecida como direito da criança e não mais direito dos pais, e a visão de depósito deu espaço para ambiente de aprendizagem, sendo assim, tendo seus direitos reconhecidos e incluídos na Constituição Federal.

Inteligência vai além de conhecimentos lógico-matemáticos e linguísticos, graças a Gardner (1994), conhecemos a teoria das inteligências múltiplas, entre elas, a inteligência emocional, de grande valia, pois o campo emocional em desequilíbrio, coloca em risco todas as outras inteligências. O desenvolvimento socioemocional, durante muitos anos, foi considerado um campo paralelo, não integrado ao desenvolvimento cognitivo, e a prioridade da escola foi, tradicionalmente, o aprendizado daquilo que denominamos conteúdos (KINCHELOE, 1997). No entanto, com a evolução da educação, não trabalha-se mais com foco em conteúdo, e sim, em competências e habilidades, logo, necessita-se do equilíbrio entre mente racional e mente emocional.

Professores são agentes de transformação na vida de seus alunos, com base na pesquisa de campo, foi possível perceber a real importância do professor na vida do aluno, mesmo que involuntariamente, o professor contribui na educação e formação do aluno. A criança tem afeto pelo professor, a escola é a sua segunda família, responsáveis acompanham o desenvolvimento escolar da criança, porém, muitos admitem não ter paciência e insatisfação na sua função de pai/mãe, sabendo que necessitam melhorar alguns aspectos. Sucesso e fracasso não são regra, vai de um conjunto de fatores, mas podemos concluir que, um fator importante, é o amor, o afeto e a dedicação, mas quando há interesse e busca-se a parceria família e escola, o caminho para o sucesso é mais leve.

Quando formamos um indivíduo, estamos formando futuros médicos, advogados, enfermeiros, artistas, políticos etc. Embora isso não tenha muito valor para a grande massa da sociedade, sem o professor, não existiriam as outras profissões. O professor também deveria refletir sobre os seus resultados, assim como um médico reflete quando perde um paciente na mesa de cirurgia, será que o fracasso era inevitável? Será que eu dei o meu melhor? Será que a culpa foi da equipe? Será que a culpa foi a falta do instrumento? Será que vou ser apenado? A culpa do fracasso também é minha? Infelizmente, um paciente que perde a vida não tem segunda chance, mas o discente sim. Os docentes cobram, merecidamente, respeito e valorização, que deve começar por eles mesmos. A interação entre crianças e professores é um pilar central do desenvolvimento infantil, e sim, os docentes têm o poder de transformar vidas, sem intimidação, o seu 1% parece pouco, mas faça o mundo 1% melhor todos os dias.

Sendo assim, para dar continuidade a este estudo, caberia investigar se os cursos de Pedagogia apresentam em sua matriz curricular, alguma unidade curricular que aborde o desenvolvimento da educação socioemocional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG. Editores Associados, 1990.
- Aranha, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. São Paulo, SP: Editora Moderna, 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n.8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf> >. Acesso em: 10 de junho de 2023
- _____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jun. 2023.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 maio de 2023.
- COSTA, Martha Benevides da; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Teorias do conhecimento, pesquisa em educação e perspectivas de currículo: uma revisão de literatura**. In: Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão online, n. 15 (jul. – dez. 2013), Feira de Santana – Bahia (Brasil), dez./2013. p. 3-26.
- CRUZ, Vitor. **O que é a inteligência?** 2000. Disponível em: Acesso em: 18 de maio de 2023.
- DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos / Félix Díaz**. - Salvador: EDUFBA, 2011. 396 p. il. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5190/1/O%20processo%20de%20aprendizagemrepositorio2.pdf> > Acesso em: 23/05/2023
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**, São Paulo, SP. Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**, 17.ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1987.
- FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento cognitivo e Processo de Ensino-Aprendizagem: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.
- GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 23. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2001.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 2. ed. Objetiva. 2012.
- KINCHELOE, Joe. **A Formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.
- MECCA, Tatiana Pontrelli; ANTONIO, Daniela Aguilera Moura; MACEDO, Elizeu Coutinho de. **Desenvolvimento da inteligência em pré-escolares: implicações para a aprendizagem**. Revista Psicopedagogia, v. 28, n. 85, p. 9-20, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000100009. Acesso em: 18 de maio de 2023.